

PSICANÁLISE E LITERATURA: uma leitura de *O Espelho* de Machado de Assis

Zama Caixeta Nascentes

Especialista em Filosofia Política – UFPR

Especialista em Língua Portuguesa – FFCL de Patos de Minas-MG.

Prof.: de Língua Portuguesa e Lit. Brasileira do CEFET-PR – Curitiba

RESUMO: A partir de conceitos da Psicanálise de Freud e da Psicologia Analítica de Jung, procederemos à análise do conto *O Espelho* de Machado de Assis. A despersonalização de Jacobina e a irrealidade do seu Eu constituem um autêntico caso da clínica psicanalítica, não podendo, pois, ser entendido numa perspectiva apenas literária. Além desse conto estaremos percorrendo também outras obras (contos e romances) mostrando o quanto a ficção de Machado antecipa algumas das proposições psicanalíticas de Freud e Jung. Teceremos ao longo do trabalho comentários acerca da estrutura de narrativa do conto, comparando-a a outras do mesmo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Psicologia Analítica, Literatura, personalidade, alma.

O subtítulo, "*esboço de uma nova teoria da alma humana*", a afirmação do narrador no primeiro parágrafo de que os personagens "*debatiam questões de alta transcendência*" e eram "*investigadores de coisas metafísicas (...) resolvendo amigavelmente os mais árdus problemas do universo*" colocam diante do leitor a universalidade da temática do conto: não abordará as mazelas do Rio do século XIX nem as preocupações de ascensão social via casamento (tão presentes em outras narrativas do autor), mas sim a questão posta pela seguinte pergunta: o que é o homem?

O segundo parágrafo introduz Jacobina, o quinto personagem, antes alheio ao debate, e que assumirá depois o papel de narrador. Vejamos como é construído:

"...havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinqüenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca..."

"*Calado, pensando, cochilando*": trata-se, pois, de um sujeito introspectivo, voltado para seu **mundo interior**, semelhante à Flora de *Esaú e Jacó*, "*Flora, aos quinze anos, dava-lhe para se meter consigo*" (cap. 31), e diferente de Maria Olímpia do conto *A Senhora do Galvão*, "*Maria Olímpia tinha a vocação da vida exterior*". Conhece-se – e o ser humano - em profundidade; por isso quando passa a fazer uso da palavra pode esboçar "*uma nova teoria da alma humana*". Dir-se-ia, modernamente, um indivíduo psicanalisado. Já aprendeu a dar menos atenção às exigências do mundo social (nome, posição, títulos... inclusive os acadêmicos!): voltou-se para sua interioridade. Da mesma forma a idade, "*entre quarenta e cinqüenta anos*", é um dado importante ao autor para construção do personagem. Nos parágrafos seguintes, Jacobina passará a narrar "*um episódio dos meus vinte e*

cinco anos". Ora, perceber em tal episódio a confirmação da tese "*não há uma só alma, há duas*" só é possível graças ao distanciamento e amadurecimento propiciados pelos anos. Sua idade é, portanto, necessária ao traçado do seu perfil. Na seqüência é determinado como "*inteligente, não sem instrução*", atributos imprescindíveis não só para acompanhar a "*alta transcendência*" e os "*árduos problemas do universo*", discutidos na sala, mas sobretudo para: 1) conduzir a narrativa de tal modo a evitar a dispersão dos ouvintes (entenda-se, leitores); 2) discorrer sobre assunto tão intrincado como o da natureza da alma humana. Por fim, o "*astuto e cáustico*". Podemos entender metanarrativamente o *astuto*. De fato, é esperto o bastante para, em relação ao ouvinte, 1) ceder-lhe a palavra no momento exato, "*Imaginam, creio eu?*"; "*Custa-lhes acreditar, não?*" "*Riem-se?*", evitando o enfado de um metafísico monólogo; 2) impedir a inoportuna pergunta ou objeção, (como o Veloso de *Adão e Eva* e o Venâncio de *Vidros Quebrados*) "*se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida*"; "*não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir.*"; "*Ouçam-me.*"; 3) auscultar-lhe as reações ao teor da matéria narrada, "*Espantem-se à vontade*". Sua narrativa implode toda uma visão de homem arraigada na cultura ocidental, qual seja, a de que existe uma alma (entendida não teológica mas sim psicanaliticamente, ou seja, como personalidade) inalterada ao longo do curso da história do sujeito, responsável por aquilo que chamamos EU. O caso desmonta esta convicção. Pior que isto, mostra a vitória da alma exterior sobre a interior. Portanto, o episódio narrado **queima** nossa auto-imagem (como o faz o analista ao por a nu nossas defesas): por isso Jacobina é **cáustico**. É, pois, um "psicólogo", tem um episódio, isto é, um caso clínico, do qual ele mesmo é o "paciente", que se constitui "*uma fina matéria de estudos*", para lembrarmos do narrador de outro conto do autor, *Manuscritos de um Sacristão*.

Sendo construído desta forma no segundo parágrafo, o leitor não se surpreende quando, logo a seguir, "*este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta*" (tempo gasto para leitura do conto e a conseqüente autoanálise desencadeada no leitor que compreendeu, de fato, a nova teoria aí enunciada), sendo o ponto da conversa "*a natureza da alma*". É introduzido então o tema da narrativa do espelho.

A exemplo do Veloso de *Adão e Eva*, e do Venâncio de *Vidros Quebrados*, o início se dá mediante uma afirmação: "*Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas*", repetida no século XX por Jung, "*Podemos facilmente imaginar que possuímos almas parciais.*" (JUNG, OC., v. VII, § 274). Além desta, existem outras indicações de que tanto naqueles quanto em *O Espelho* Machado de Assis trabalha com a mesma estrutura de narrativa. Não sendo, por ora, este o nosso propósito, assinalamo-las para, noutro momento, retomá-las. Analisemos de perto a afirmação de Jacobina:

"Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... (...) A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. (...) Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira: as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da

existência inteira."

Se trocarmos *alma* por *personalidade*, teremos um texto psicanalítico; se cambiarmos *alma exterior* por *persona* e *alma interior* por *si-mesmo inconsciente*, estaremos diante de parágrafos de *Estudos sobre Psicologia Analítica*, de Jung. O *si-mesmo inconsciente* é o núcleo mais puro da personalidade, o que de fato particulariza o indivíduo, anterior à sua inserção na cultura, "*a verdadeira individualidade*" (JUNG, OC. v. VII. § 247). Dito machadianamente, é o olhar "*de dentro para fora*", a "*natureza primitiva*" de parágrafos adiante. Já a *persona* é o Eu não-Eu, ou seja, influências do meio externo que, gradativamente, mediante o processo de socialização, vão se sobrepondo à individualidade; "*olha de fora para dentro*", como vemos acima. Esquecidas sua origem externa, o sujeito passa a considerá-las como emanadas de si mesmo; o que diz ser "ele mesmo" nada mais é do que a sedimentação de valores, crenças, exigências do seu mundo social. Para aonde foi sua singularidade? Está perdida, soterrada pelos constantes depósitos, quando não entulhos, das instituições que inscrevem no nosso SER o predicado *humano*: família, escola, Estado e, capitalisticamente, empresa. Para Jung, *persona* e *individualidade* são dois aspectos da vida psíquica. A integração exige do eu, *personalidade consciente*, (JUNG, OC., v. IX/2, § 7) o equilíbrio entre ambas. Esta teoria da personalidade da Psicologia Analítica de Jung se encontra, tal e qual, sem nenhum dano ao conteúdo, na afirmação de Jacobina: "*as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência*". Basta acrescentarmos ao câmbio conceitual sugerido no início deste parágrafo um outro: metafisicamente = psicanaliticamente. De igual modo, a perda de "*uma das metades*" corresponde, na Psicologia Analítica, à situação clínica de identificação do ego com a *persona* (JUNG, OC., v. VII, § 247). Portanto, a "*nova teoria da alma humana*" esboçada em *O Espelho* por Machado de Assis antecipa a teoria da personalidade construída por Jung ao longo de toda a elaboração teórica de sua Psicologia Analítica.

Continuando a exposição de sua tese, Jacobina passa a discorrer sobre a natureza da *alma exterior*, "*não é sempre a mesma (...) muda de natureza e de estado*". Muda precisamente porque a *alma exterior* são as influências do mundo externo sobre o indivíduo, mormente o social. Este se configura de modos diferentes ao longo da vida: família e escola, na infância; relações de amizade, aceitação pelo grupo, na adolescência; relações no trabalho, na vida adulta. Confirma-se assim a correspondência entre *alma exterior* e *persona*. Os exemplos de mudança dados por Jacobina, verdadeiros casos de indivíduos desligados por inteiro do seu mundo interior, provêm da esfera social: cavalheiros cuja *alma exterior* é "*uma provedoria de irmandade*" (preocupação com posição social, poder); uma senhora voltada à "*ópera, concerto baile*" (obsessão por lugares públicos, notoriedade; frivolidade enfim).

Exposta aos cavalheiros sua tese, Jacobina "*começou a narração*", já preparada em parágrafos anteriores, "*eu não discuto. Mas se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata*". O episódio dos seus vinte e cinco anos é narrado para ilustrar a herética, se se pensa *alma* numa perspectiva teológica, tese da existência de duas *almas*. Os ouvintes de Jacobina redobram de atenção e "*a sala até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos*

estão no Jacobina...". Propusemos no começo a equação ouvintes = leitores. Aplicando-a aqui, leiamos: 1) redobra-se a atenção de quem "por acaso" começou a ler *O Espelho*: chegando a este parágrafo suas chances de interromper a leitura diminuem; 2) abaixar ou desligar o som/TV, recolher-se a um canto mais silencioso, acomodar-se mais confortavelmente, são comportamentos bastante prováveis de serem emitidos pelo leitor agora; afinal, "a história vai começar", diriam aqueles acostumados às peripécias das narrativas tradicionais; 3) nossa "sala de leitura" (sala de estar, de TV, quarto, biblioteca, sala de aula, filas...) "é agora um mar morto", não a sala da casa que "ficava no morro de Santa Teresa", erigida no parágrafo inicial; 4) grudam-se nossos olhos na escrita de Machado de Assis, como "todos os olhos estão em Jacobina"; da mesma forma que, em *O segredo do Bonzo*, os personagens fixam-se na boca do bonzo Pomada, narrador de parte do conto, "Neste ponto, afiamos os ouvidos e ficamos pendurados da boca do bonzo, o qual (...) ia falando com grande pausa, por que eu nada perdesse." Estrutura semelhante de narrativa é encontrada em uma outra porção de contos do autor. Além dos já mencionados, *Adão e Eva* e *Vidros Quebrados*, *O Segredo do Bonzo*, encontramos-la também em *Cantiga Velha*, *Um Esqueleto*, *O Imortal*, *Uma Noite* e, em menor escala, *A Desejada das Gentes* e *O Anel de Polícrates*.

Acompanhemos, finalmente, o caso de Jacobina:

"Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam."

Retomando o que o próprio Jacobina dissera anteriormente, a alma exterior "*muda de natureza e de estado*", vemos agora como o posto de alferes, ponto em que se inicia a sua narrativa, torna-se a sua alma exterior. Parágrafos adiante precisará em que consistia antes esta sua dimensão: "*o sol, o ar, o campo, os olhos das moças*". Confirmam-se assim suas proposições. A influência do mundo social sobre Jacobina chega via posição, título, cargo, conferindo-lhe notoriedade entre a família. Reveste-se pois de importância sua afirmação, "*era pobre*", indicativa da posição social anterior à nomeação. Por ser antes pobre é agora mais vulnerável aos influxos da sociedade que acaba de acenar-lhe com o título de alferes. Lembremo-nos do quão significativa é, ainda hoje, a escalada pelos degraus das nossas corporações militares, e quaisquer outras organizações. Não era diferente no Brasil imperial. No quarto romance machadiano, *Iaiá Garcia*, 1878, Valéria, mãe de Jorge, articula o alistamento do filho como voluntário na Guerra do Paraguai. Patriotismo? Não. Seu desejo é enviá-lo já como alferes ou tenente e vê-lo voltar como major ou coronel, mesmas posições galgadas por Eusébio de *Troca de Datas*, conto publicado em 1883, "*Eusébio é capitão, tendo ido tenente; portanto, subiu de posto, e na conversa com o tio, prometeu voltar coronel*." Não voltou coronel, mas sim major, como o filho de Valéria. Esta conseguiu para o filho o que desejava: Jorge, antes mesmo de pisar no campo de batalha, já é capitão e retorna da guerra como major. Tal atitude de Valéria ilustra bem o frenesi pelas patentes militares. Igual razão leva o Tenente Isidoro, personagem-narrador do conto *Uma Noite* (1895), à Guerra do Paraguai.

Embora afirme "*Lá postos de coronel nem general não são comigo*", faz uma concessão à família, obcecada pelas honrarias militares tal qual a de Jacobina. Deste modo, "*para consolar a família*", vai para a guerra já no posto de tenente, pois a família não queria vê-lo embarcar como "*soldado raso*", semelhante à Valéria de *laiá Garcia*. Em suma, a todos estes personagens construídos por Machado a morte não assusta mais que uma vida de obscuridade, sem as luzes do mundo exterior, bailes, publicidade enfim. Por isso a guerra não é ameaça, é salvação; ao anonimato de uma vida obscura prefere-se a notoriedade de uma morte titulada! Com Jacobina deu-se o mesmo, sem os inconvenientes do campo de batalha. Sendo nomeado alferes, inicia-se seu processo de identificação com a persona, para lembrarmos Jung. Começando pela família, "*Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa*", a apologia ao título em detrimento do Eu verdadeiro é feita também por outros círculos sociais, "*primos, tios (...) vila*". O fato de haver "*muitos candidatos*" confere uma importância ainda maior à nomeação. A mãe, que deveria ser o protótipo do amor incondicional e desinteressado, é a primeira a pôr a perder o filho, "*ficou tão orgulhosa! tão contente!*", antecipando assim a relação mãe-filho da Natividade de *Esaú e Jacó*, 1904. Seu contentamento não decorre do fato de ele ser filho, mas sim de ter tornado alferes, "*Chamava-me o seu alferes*", ou seja, a relação natural mãe-filho cede lugar às convenções sociais cegadas pelos títulos. Somem os afetos; ficam os salamaleques! Se no final do conto o homem cederá o lugar ao alferes, a despersonalização já se inicia aqui mesmo, no primeiro parágrafo da narração de Jacobina, pelos lábios da própria mãe. Em tendo razão a Psicanálise ao conferir à figura materna um grande papel na estruturação da personalidade do indivíduo, Machado o intuiu ao começar pela mãe a deleção da individualidade de Jacobina. Como em *laiá Garcia*, a mãe está desvairada pelas honrarias militares, idêntico à Natividade de *Esaú e Jacó* pelas lustrosas profissões e posições de médico, advogado, senador. "*Minha esperança era vê-los grandes homens*" (cap. CXX), diz no leito de morte a mãe de Pedro e Paulo, como se o fato de eles serem filhos não lhe bastasse para amá-los, como se ser pessoa humana não fosse, em si mesmo, uma grandeza.

As artimanhas de uma outra mulher darão continuidade ao soterramento da alma interior de Jacobina, fixando-lhe no lugar a exterior. Trata-se de

"...uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio, escuso e solitário (...) apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes."

A mestria de Machado ao construir os seus personagens se mostra mais uma vez. Das cores jogadas na tela para traçar o perfil da tia, uma fica como figura, "*viúva do Capitão Peçanha*". *Capitão*, não nos esqueçamos, era, como *alferes*, uma das patentes da Guarda Nacional do Brasil imperial. Foi assim que Valéria de *laiá Garcia* viu Jorge partir para a Guerra do Paraguai e a família do Tenente Isidoro de *Uma Noite* o embarca como tenente e não soldado raso. Ora, também era este o posto do marido da tia de Jacobina e do Eusébio de *Troca de Datas*. D. Marcolina, perdida a patente do marido com a morte dele, quer reavê-la na do sobrinho. Por isso, o pilha da mãe. Como esta, "*chamava-me também o seu alferes*", empurrando Jacobina

para a senda da perda da identidade. Ele não é mais o sobrinho, relação natural de parentesco, mas tão somente o alferes, posição social; como não era mais o filho na relação com a mãe. O abraço não é mais afeto sincero e puro, torna-se dissimulação e hipocrisia de uma tia viúva que compensa no sobrinho recém-nomeado o lustre social perdido com a morte do marido capitão; retém para si parte da glória do sobrinho. Nem mesmo com a mãe do novo alferes quer D. Marcolina dividi-lo, "escreveu à minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês pelo menos".

Neste momento a narrativa de Jacobina é deslocada para um outro **espaço**, *sítio*, permanecendo, no entanto, o do conto de Machado de Assis, "A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora." (Atentemos para o "misteriosamente" aí colocado: os mistérios da alma humana, devassados pela conversa dos amigos e posteriormente pelo caso de Jacobina, recaem sobre o modo pelo qual o autor ilumina a cena). Não obstante a mudança, a qualidade dos relacionamentos de Jacobina permanece a mesma. Antes, "na vila", a mãe, seguida de "primos e tios", tratavam-no sempre por alferes. Agora, no sítio da tia, D. Marcolina é a continuidade da mãe. Também aqui o meio social se estende para além da figura feminina: há "um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o 'senhor alferes'" (revive as glórias do irmão no sobrinho, como D. Marcolina as do marido) e "os poucos escravos da casa".

Via de regra, quando Machado de Assis trabalha com personagens cuja obsessão é o mundo exterior, a ostentação de riqueza ou posição social, ambienta-os em **espaços públicos** como rua (mormente a do Ouvidor), teatro (o Lírico principalmente), salões de baile (Cassino Fluminense em especial). Em *O Espelho* há um fenômeno estético ímpar. A nomeação de Jacobina para o posto de alferes da Guarda Nacional desencadeia naqueles que o cercam toda uma desmesura de cumprimentos. Todavia, o personagem não sai à rua para colher dos transeuntes olhares a admiração; tampouco alimenta com seu nome e título os jornais, como o faz Santos em *Esaú e Jacó* (presente de aniversário seu para Natividade) e o Fulano do conto *O Fulano*; pelo contrário, recolhe-se a um sítio "escuso e solitário". Este modo de construir o espaço na narrativa se explica pela sua temática, expressa já no subtítulo do conto e reiterada no primeiro parágrafo, como já vimos. Se se trata de considerar "a alma humana", o autor restringe ao máximo o mundo social, representado pela mãe, tios, primos e escravos apenas. Este núcleo familiar alargado é o bastante para agir sobre o personagem deflagrando-lhe identificação com a persona. A causticidade do autor, projetada no segundo parágrafo quando da criação do personagem-narrador, ao analisar a sociedade do Rio do século XIX não desaparece neste conto; recai sobre aquele núcleo familiar. Esta redução do mundo externo permite-lhe aprofundar a análise da alma humana. No fundo, o projeto de *O Espelho* é quase paradoxal: analisar a natureza da alma humana mas mostrando a influência do externo sobre ela. A perspectiva é, pois, diferente daquela de *A Igreja do Diabo*. Lá também, em seu escafandro, o autor percorre-a; mas na sua "eterna contradição", não na contradição advinda do seu embate com o mundo. Ora, a primeira parte do projeto implica um personagem central e um espaço privado de recolhimento, como o de *Trio em Lá Menor* e *O Cônego ou a Metafísica do Estilo*, por exemplo; já a segunda, mais personagens e o espaço público da sociabilidade. A mestria de Machado impediu a emergência do paradoxo: família corresponde a

mundo externo; o sítio é espaço público num primeiro momento, pois lá Jacobina convive com a tia, o cunhado desta e os escravos. Trabalha-se assim com o segunda parte do projeto. Para desenvolver a primeira, cria-se no conto a doença de uma das filhas de D. Marcolina, *"ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte"*. Está dado então o ensimesmamento de Jacobina, *"o certo é que fiquei só"*, o sítio é agora espaço privado facilitador da introspecção, condição do mergulho de Machado nas abscônditas regiões da mente humana, que viria a ser devassada no século seguinte pela ciência da Psicanálise. A doença, que em *Ressurreição*, 1872, *Helena*, 1876 e *Iaiá Garcia*, 1878, para ficarmos só com os primeiros romances, serve para aproximar Raquel e Félix, D. Úrsula e Helena, Jorge e Iaiá, respectivamente, em *O Espelho* aproxima Jacobina de si mesmo; cria uma situação possibilitadora da assimilação pela consciência de conteúdos do si-mesmo.

No microcosmo da sociedade humana representada pelo *"sítio escuso e solitário"*, Jacobina se vê rodeado de pessoas cujo padrão de comportamento se caracteriza pela artificialidade, dissimulação, afetação. Chamam-no sempre de alferes, *"E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora"*; esmeram-se em servi-lo fidalgamente, *"Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido"*; o melhor da casa é para ele: entra em cena então *"um grande espelho, obra rica e magnífica,(...) a melhor peça da casa"*. O único objeto mais valioso da casa é colocado no quarto para seu uso pessoal. Quanta atenção! Afinal, a mobília *"modesta e simples"* da família, somada ao *"era pobre"* do primeiro parágrafo da narração de Jacobina circunscrevem o estrato social de onde ele saiu via nomeação para alferes, mas onde ainda permanecem os parentes. A notoriedade daquele é lenitivo à obscuridade destes. Então, nada mais socialmente recomendável que a lisonja...

Cercado por tais pessoas, não delongou o resultado:

"O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moços, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado."

Começa o devir de Jacobina em direção ao não-Ser, considerando suas duas afirmações do começo: *"as duas(almas) completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja"* e *"quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência"*. Sendo eliminado o homem, isto é, sua alma interior, ontologicamente Jacobina fica cindido. Introduce-se no seu ser uma fissura que implode-lhe a totalidade humana, desintegra-se sua personalidade, consuma-se a identificação do ego com a persona, interdita-se de vez a via de acesso para incorporação dos conteúdos do si-mesmo. (JUNG, OC., v. IX/2, § 44) Eis aí o fenômeno psicanalítico construído por Machado em *O Espelho*. Um psicanalista com experiência clínica teria, ao ler este conto, a sensação de estar diante de um clássico

caso, digno de figurar nas publicações e comunicações científicas da Psicanálise. Neste sentido a afirmação do começo do parágrafo acima, "*Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se*", seria entendida por um analista como sendo o "equilíbrio" (entre aspas porque a teoria freudiana afirma ser muito tênue o limiar entre o normal e o patológico, como o faz, por exemplo, no capítulo três do primeiro dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*) mantido pelo Ego entre as exigências pulsionais do Id e a coerção do Superego; enquanto que um analista junguiano reconheceria aí a integração psíquica advinda do equilíbrio entre os vários aspectos formadores da personalidade, como por exemplo entre consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Este não é o único exemplo de "caso clínico" encontrado na obra machadiana.

Com efeito, o delírio de Brás Cubas, narrado no capítulo VII de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; a fusão de Pedro e Paulo operada pela mente de Flora de *Esau e Jacó*, semelhante à de Maciel e Miranda efetivada por Maria Regina do conto *Trio em Lá Maior*, o amor incestuoso entre Estácio e Helena (construído no capítulo 23 de *Helena* com todo um vocabulário psicanalítico, "a consciência ignorava", "maus instintos" – pulsão - , "desvio inconsciente", "imagem da infância") podem também ser elencados. De igual modo, aparecem em Machado de Assis personagens, cujo papel na trama é, sem tirar nem por, aquele do analista na clínica. Assim o Conselheiro Aires no capítulo C, *Duas Cabeças*, de *Esau e Jacó*: 1) ao pedir a Flora que mostre "*um desenho último e escondido*" guardado em uma pasta (pasta = inconsciente) prefigura o analista que acompanha e incentiva o paciente a falar dos conteúdos mais escondidos e recalcados; 2) ao manter-se objetivo e imparcial diante do material apresentado por Flora, "*duas cabeças juntas e iguais*", contrariando a expectativa da moça que "*queria ouvir o louvor ou a crítica, mas não ouviu nada*", antecipa a postura do analista diante do material psíquico do paciente. Vemos a mesma atitude analítica no Pe. Melchior do capítulo 23 de *Helena*: 1) seus olhos fitos em Estácio "*eram como um espelho polido e frio, destinado a reproduzir a imagem do que lhe ia dizer*" antecede a impassibilidade tão comumente encontrada nos rostos dos analistas; 2) sua experiência como diretor de almas permitiu-lhe ver o que a Estácio permanecia inconsciente (o amor incestuoso pela irmã): "*Nem tu o vias, nem ela; mas eu vi, eu fui o triste espectador dessa violenta e miserável situação*"; assim como a experiência clínica possibilita ao analista ver onde o paciente nada enxerga. Comparando-o com Aires, notamos aqui uma diferença: Pe. Melchior faz um juízo de valor sobre o material psíquico de Estácio, "*violenta e miserável situação*"; o que não é visto no Conselheiro. Mais uma vez Machado adiantar-se-ia à objetividade da Psicanálise na compreensão e aceitação do drama íntimo do homem, evoluindo de um juízo moral, expresso por Melchior, para uma abstenção de julgamentos, atitude de Aires. Um terceiro exemplo pode ser encontrado no narrador do conto *O Cônego ou a Metafísica do Estilo*: "*Passemos da consciência para a inconsciência, onde se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam*". Se trocarmos, neste conto, *Metafísica* por *Psicanálise* (ou *Psicologia Analítica*), Machado não fica a dever nada a Freud ou a Jung. Da mesma forma, não só o termo "*inconsciência*" está carregado de sentidos psicanalíticos mas, muito mais que isto, o vislumbre que o contista tem: 1) dos **processos** do inconsciente, "*onde se faz a elaboração confusa das idéias*"; na concepção de junguiana, "*tudo continua a funcionar no estado inconsciente como se fosse*

consciente. Há percepção, pensamento, sentimento, volição e intenção." (JUNG, OC., v. VIII, § 383); 2) do **conteúdo** que o forma, "*reminiscências*" e, mais adiante no mesmo conto, "*vozes remotas da primeira missa; cá estão as cantigas da roça que ele ouvia cantar às pretas, em casa; farrapos de sensações esvaídas, aqui um medo, ali um gosto, acolá um fastio de cousas que vieram cada uma por sua vez, e que ora jazem na grande unidade impalpável e obscura*" (grifos nossos); na perspectiva de Jung, "*tudo o que sinto, penso, recordo, desejo e faço involuntariamente sem prestar atenção (...) tudo isto são conteúdos do inconsciente*" (Idem, ibidem, § 382); 3) da própria **dinâmica**, "*cochilam*", antevendo o **movimento** que aí ocorre (se "*cochilam*", podem "acordar" a qualquer momento quando novos estímulos internos ou externos chegarem à consciência), tornado inteligível por Freud em 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, a partir da noção de condensação e deslocamento.

Se "*no fim de três semanas era totalmente outro. Era exclusivamente alferes*", consuma-se a desintegração psíquica de Jacobina, a laranja só tem uma metade, cumpre-se no conto a função do meio social. Pode agora o autor penetrar a alma na sua individualidade. Substituído o eu verdadeiro pelo eu social representado pela patente militar, o personagem fica sozinho no sítio, "*escuso e solitário*". É chegado o momento da crise de identidade; instaura-se em Jacobina o não-Ser:

"...comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. (...) Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico."

A partida de todos os parentes, e por fim dos escravos, deixa na solidão o personagem. Situação parecida vive Brás Cubas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando da morte da mãe. Até então vivera só para fora, era como se nele faltasse aquela alma "que olha de dentro para fora". Morrendo-lhe a mãe, recolhe-se, "*fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade*" (cap. 25), isolando-se portanto. Está dada a oportunidade para a alteração do padrão de comportamento de uma vida exterior para uma de autoconhecimento; enfim, da "*tomada de consciência da sombra*", reconhecendo "*os aspectos obscuros da personalidade*" (JUNG, OC., v. IX/2, § 14). Sabemos não ser a análise e a psicoterapia as únicas formas de um indivíduo rever-se. Situações como morte, doença, perdas significativas também o são. A perda da mãe de Brás Cubas e o isolamento de Jacobina são o momento terapêutico por excelência. A questão que se coloca é: saberão aproveitá-lo? A resposta é não. Os dois passam a desenvolver toda uma série de comportamentos, cujo objetivo é afastar da consciência o desprazer gerado pelo contato consigo mesmo no recolhimento. Trata-se dos mecanismos de defesa descritos pela literatura psicanalítica. Atividade física (passear, caçar, andar); trabalho intelectual (escrever, ler, recitar) figuram entre aqueles adotados pelos dois. O mundo tecnologizado da pós-modernidade coloca à nossa disposição, outros tantos Jacobinas, uma porção deles: som, TV, vídeos entopem-nos de ruídos para não percebermos os ecos ouvidos como resposta à pergunta "Eu existo?...". Preferimos a superfície rutilante da comunicação à turva profundidade de nós mesmos... Além daqueles dois, também o sono aparece como outro mecanismo de fuga: "*O sono dava-me alívio (...) o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior*". Portanto, após ter se tornado "*exclusivamente alferes*", a alma interior é desalojada

para uma posição periférica na constituição da personalidade de Jacobina, como o fez Freud no século XX ao destronar o homem do centro da racionalidade e da consciência, demonstrando ser o inconsciente o verdadeiro *cogito* cartesiano. A alma interior aparece só nos momentos de sono sem sonho, pois no sonho retorna a alma exterior, "*fardava-me orgulhosamente*", como veremos a seguir. Antes, no relato de Jacobina, já aparecera, quando dos seus primeiros dias de isolamento, mas para receber "*piparotes da eternidade*", a modo de repreensão por ainda querer manifestar-se. Desperto do sono, a parcialidade do Eu de Jacobina agudiza-se, caminhando para a irrealidade, pois "*esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único*", o de "*exclusivamente alferes*"; "*a alma interior perdia a ação exclusiva*", mantida naqueles intervalos de sono sem sonhos; a outra, a alma exterior, "*teimava em não voltar*". Nenhuma das almas é, sendo Jacobina de fato "*um sonâmbulo, um boneco mecânico*". São fantasmagóricos tanto seu eu verdadeiro (homem, alma interior) quanto o social (alferes, alma exterior).

Se sono e atividades físicas ou intelectuais são defesas, como ensina-nos a Psicanálise, o sonho é atividade psíquica compensatória, para de novo fazermos uso da Psicologia Analítica de Jung. Para este "médico da alma" (para buscarmos uma expressão cunhada por Machado no conto *O Lapso*, cujo protagonista, Dr. Jeremias *Halma*, é um médico que trata exatamente das "doenças da alma", podendo figurar entre aqueles personagens machadianos dotados de traços semelhantes aos de um analista), "*a teoria das compensações é a regra básica (...) do comportamento psíquico geral. O que falta de um lado, cria um excesso do outro. (...) Esta é uma das regras operatórias mais bem comprovadas na interpretação do sonho.*" (JUNG, OC, v. XVI, § 330) Na situação em que se encontrava Jacobina, seus sonhos seguiam exatamente este princípio: "*Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos*". *Orgulhosamente*: transformou-se aqui em advérbio de modo aquilo que no início da narração de Jacobina era o adjetivo utilizado para mãe, *orgulhosa*. Numa sintaxe psicanalítica teríamos a seguinte sentença: a mãe sobrevive no mundo psíquico do filho, e de um modo tão intenso que se faz presente até mesmo no conteúdo manifesto dos seus sonhos. A ausência das pessoas que mantinham a sua identidade como sendo Alferes, com maiúscula, pois é este agora o seu eu, é compensada pelo sonho em que ele farda-se de alferes. Mais que isso, chega a sonhar com a ascensão, "*vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major*", os mesmos postos alcançados ou buscados pelos personagens de *Iaiá Garcia, Troca de Datas, Uma Noite*, já comentados aqui. Graças a tais defesas, Jacobina consegue resistir à crise, "*e tudo isto fazia-me viver*"; ainda que um viver aparente e pelas metades. Se Jung lembra em *Estudos sobre Psicologia Analítica* a etimologia da palavra **persona**, "*máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar*" (JUNG, OC, v. VII, § 245), **farda** aqui é metáfora para falar do papel social desempenhado por Jacobina: alferes. A metáfora machadiana antecede o conceito junguiano de persona; a literatura foi mais rápida que a ciência.

A consciência de que sua literatura adiantava-se à ciência era clara ao próprio Machado. Neste sentido lemos no início do capítulo VII de seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o seguinte: "*Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faça-o eu, e a ciência mo agradecerá.*" Se ainda não "lho agradeceu" isto não se deve à falha do escritor em construir "fenômenos mentais" dignos de

atenção das ciências que, no século XX, se ocuparam com a mente humana mas, dentre outros fatores, à fragmentação do saber humano, refletido no sistema educacional, em Arte e Ciência, distanciando o cientista (Psicanalista, Psicólogo, Psiquiatra, para citarmos apenas alguns dos investigadores dos "fenômenos mentais") do crítico literário, preocupado com o fenômeno da literariedade. Essa mesma consciência se repete adiante, ainda no cap. VII, quando do seguinte comentário do personagem-narrador: "*porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga*". Se considerarmos o papel da imaginação na criação literária veremos um cepticismo epistemológico delinear-se, pois nem mesmo a literatura conseguiria analisar os "fenômenos mentais", posto que os apreenderia mediante a imaginação e no ato mesmo de apreendê-los distorcê-los-ia. Descontado este cepticismo, temos Machado aceitando o risco da vagueza da imaginação para corrigir a lentidão da ciência, antecipando-se às descobertas da ciência.

O fugir de si mesmo em Brás Cubas acontece pela precipitação do fim do luto. Em menos de uma semana encerra-o e volta ao burburinho da sociedade carioca, abandonando a antiga propriedade, metáfora do mundo interior. Já Jacobina evita olhar para o espelho, "*desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho*". O motivo é dado pelo próprio narrador a seguir, "*um receio de achar-me um e dous, ao mesmo tempo*", ou seja, a apreensão de ver explicada aquela, até então, "*sensação inexplicável*". Dito de um modo psicanalítico, é o medo de trazer à luz da consciência os conflitos até então inconscientes, sendo o temor ao espelho similar à resistência de tantas pessoas à análise. Não era à toa que em *Helena*, ao construir o olhar do Pe. Melchior, Machado utilizava-se também do substantivo espelho como metáfora. Apesar do medo, "a contradição humana", nossa conhecida de *A Igreja do Diabo*, empurra Jacobina para o espelho. Diferente do diabo, que constatou no homem a existência dos dois aspectos fundantes da nossa natureza, Jacobina não verá nada. Infirmo-se seu receio anterior, "*achar-me um e dous, ao mesmo tempo*", e corrobora-se o seu não-Ser. A despersonalização iniciada pela mãe, continuada pela tia, chegou a termo. Se afirmara no começo "*e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira*", nele agora temos o caso. Com a partida dos moradores do sítio que o chamavam sempre alferes ocorre a perda da alma exterior. Como a interior já dispersara, "*a existência inteira*" está perdida. Por esta razão nada de definido e determinado será refletido no espelho:

"...no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dous. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação."

Algo é agora? Alferes? Jacobina? Nada! Somente o não-Ser é, para quebrarmos o aristotélico princípio da não-contradição, pois a figura refletida no espelho é "*vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra*". Este sintagma é construído por Machado para dar conta do fenômeno psíquico da irrealidade do Eu, da desintegração do indivíduo observada na clínica psicanalítica e que fora anunciado pelo personagem-narrador de *O Espelho* já no começo de sua fala como sendo a "*perda da existência inteira*". "*Vaga, esfumada, difusa*" e, logo abaixo, "*disperso*,

esgaçado, mutilado,(...) difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos,(...) feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas , informes", são todos vocábulos que convergem para um mesmo campo lexical: inconsistência, irrealidade. Se fôssemos continuar a enumeração teríamos de elencar sempre signos marcados por prefixos de negatividade. Condensamos todos na negação ontológica, maior e radical, não-Ser. Já o "*sombra de sombra*" remete-nos à clássica alegoria platônica do Livro VII da *República*, o esforço mais conhecido de captar pela linguagem algo da natureza do não-Ser que não se resume à tautologia lógica e ontológica expressa pela proposição "o não-Ser não é". Machado se vê às voltas com problema semelhante. Seu personagem perdera a alma interior pois o homem Jacobina desaparecera e em seu lugar ficara o alferes: ficou Alferes jacobina. Com a partida de todos os habitantes do sítio, responsáveis pela deleção do homem, perde-se também a alma exterior, alferes, pois não há agora quem o chame sempre pela patente militar, quem mantenha-lhe colada a persona: não é nem Jacobina alferes nem Alferes jacobina, mas tão somente alferes jacobina; ou seja, não é ninguém propriamente dito. Utilizando-nos da metáfora teatral, a partir da qual Jung cunhou o conceito de persona: foram-se os espectadores (parentes e escravos) e quando o ator (Jacobina) retira a máscara (na linguagem junguiana, "persona"; na ficção machadiana, "farda de alferes") nota que o seu rosto (individualidade) não existe mais. Ator e homem nadificaram-se. É esta a situação existencial do personagem (não se pode chamá-lo neste momento nem de Jacobina nem de Alferes); é este o caso clínico psicanalítico construído por Machado. Para fazê-lo real pela linguagem, selecionou o autor todo aquele vocabulário, já transcrito por nós, que converge para um mesmo campo lexical, o do não-Ser. Afinal, se no personagem instalou-se o não-Ser, como falar disto se a linguagem pressupõe um ente a partir do qual a predicação possa se operar? O viés psicanalítico da situação se manifesta também na separação feita pelo próprio "paciente" (Jacobina) entre "*a realidade das leis físicas*" e "*minha sensação*". Com efeito, se trocarmos aí sensação por percepção, teremos no conto de Machado a ressonância das filosofias da representação, incorporadas posteriormente à Psicanálise freudiana, defensoras do princípio de que nosso modo de perceber/captar a realidade distorce-a: "*somos incapazes de ver uma série de sinais estranhos ou de ouvir uma sucessão de palavras desconhecidas sem falsear de imediato a percepção por uma consideração à inteligibilidade, com base em alguma coisa já conhecida.*" (FREUD, OC., v. V, p. 596 . Grifos nossos). Movemo-nos, pois, no reino da aparência...

A reação inicial de Jacobina (voltemos a tratá-lo assim) à irrealidade do seu eu, se é que um não-eu pode reagir, é de medo, "*então tive medo*". Em seguida reaparecerão aqueles mecanismos de defesa já vistos anteriormente: 1) fuga (como a do paciente quando a análise começa a retirar-lhe as máscaras-fardas e as defesas freqüentemente mobilizadas) , "*vou-me embora*"; 2) atividade física e verbal para esquecer o conflito (semelhante às pessoas que, modernamente, afirmam "não consigo ficar parado!"), "*levantei o braço*", "*entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com botões, para dizer alguma coisa*".

Por analogia ao processo de análise na clínica, é este o momento crucial na vida de Jacobina. Seu conflito psíquico acabou de se manifestar; o que "*jazia na grande unidade impalpável e obscura*" do inconsciente, retomando o conto *O Cônego ou Metafísica do Estilo*, tornou-se agora consciente, "palpável e claro", portanto. Vive a mesma situação não só do paciente que após um certo tempo de análise "se descobre", mas também do Brás Cubas do capítulo 25 de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em seu recolhimento após a morte da mãe, "*uma sensação única, uma coisa a que poderia chamar volúpia do aborrecimento*". Jacobina encontra-se, pois, diante de um momento único e preciosíssimo em sua vida: o da possibilidade de mudança e revisão de

vida. Lembrando Jung, está dada a crise que pode deflagrar nele o processo de individuação. A individualidade fora perdida quando "*o alferes eliminou o homem*". O fato de nada manifestar-se no espelho, nem o homem, nem o alferes, é indicador da crucialidade do momento vivido. Existe um "vácuo psíquico". Pode ser preenchido tanto pela persona, alferes, quanto pelo si-mesmo inconsciente, o homem, "*a natureza primitiva*", "*a alma interior*". É o momento em que o ego está sendo posto à prova na sua função de manter equilibrados os dois aspectos da personalidade humana, já discutidos aqui. As atitudes de agora definirão o personagem como Jacobina alferes ou como Alferes Jacobina. Aquela figura "*vaga, esfumada, difusa*" tornar-se-á nítida, tendo as duas possibilidades acima; somente uma pode ser figura, a outra, necessariamente, tem que ficar como fundo. A imagem de Jacobina no espelho, que até então "*era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos*" adquirirá uma forma definida, Jacobina ou Alferes; desaparecerão os prefixos da despersonalização, *difusão* e *decomposição*. O resultado desta *refusão* depende do padrão de comportamento do personagem na situação vivida agora "*no sítio escuso e solitário*", a Clínica de Machado de Assis.

"Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e...não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava enfim a alma exterior."

Prevaleceu, portanto, a persona, alferes. Posição diametralmente oposta vive Rubião de *Quincas Borba*, 1891, destituído desta parte da psique. Por esta razão não se dá conta da expoliação e manipulação a que é constantemente submetido, das quais o capítulo 21 dá-nos a primeira mostra. Esta inconsistência, senão ausência, da persona ameaça-lhe aquele equilíbrio psíquico, conforme o entende a Psicologia Analítica, deixando-lhe um ego extremamente lábil. Neste sentido sua loucura pode ser vista não como o *desequilíbrio* mas sim como *conseqüência* daquele já manifesto desde o capítulo 21. Voltando a Jacobina, nele soterrou-se de vez o si-mesmo inconsciente, o homem, Jacobina; o ego não conseguiu manter o equilíbrio psíquico. Deslocam-se as posições das almas, a interior é desalojada, quando não expurgada de vez, e em seu lugar aninha-se a exterior. Se no começo do conto era afirmado, "*quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência*", a existência de Jacobina está de vez cindida; se se definia homem como sendo "*metafisicamente uma laranja, Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira*", o que é o caso de Jacobina, agora ele é meio-homem, já que perdeu "*metade da existência*". Sua afirmação final, "*não era mais um autômato, era um ente animado*", ("animado" opõe-se a "boneco mecânico", "sonâmbulo", "defunto" de fragmento já transcrito aqui, quando da nossa análise da crise de identidade instaurada em Jacobina) significa que ele é ente, mas não plenamente humano; sobre ele não se aplica por completo o predicado humano, pois perdeu uma das metades que no conjunto dariam sua totalidade humana, a individualidade. Deste modo, mais uma vez a teoria da alma humana esboçada neste conto de Machado antecipa a teoria da personalidade de Jung. Este insiste em afirmar que o homem é uma totalidade de consciente/inconsciente pessoal/inconsciente coletivo; ânima/animus (feminino/masculino); si-mesmo inconsciente/ego/persona. Havendo o domínio de um destes aspectos está dada a "patologia psíquica", o indivíduo fica enfermo. Pois bem, é este o desfecho de *O Espelho*; portanto, a última afirmação transcrita por nós deve ser vista não como o retorno do homem, eliminado pelo alferes, mas como a solidificação definitiva do meio-homem. Este ente animado, mas não plenamente humano, é que é reproduzido pelo espelho, "*o vidro reproduziu então a figura integral*". Integral não no sentido de

totalidade psíquica (JUNG, OC., v. XVII, § 286), o equilíbrio preconizado por este psicanalista e mantido "*durante alguns dias*" após o esvaziamento do sítio. Pelo contrário, significa o domínio absoluto, total, portanto integral, da persona sobre os outros aspectos da psique; do alferes sobre o homem, da alma exterior sobre a interior, da natureza social sobre a primitiva. Pode parecer uma contradição em termos, mas trata-se da integral desintegração. Ao invés de aceitar a crise, Jacobina recusa-a, literalmente mascara-a vestindo-se com a farda. Aquele "vácuo psíquico" de que falávamos antes é preenchido pelo alferes. Fixa-se de vez a unilateralidade da persona; desaparece o Jacobina alferes, fica o Alferes Jacobina. Sua afirmação, "*era eu mesmo, o alferes*", não deixa dúvidas da troca definitiva da sua individualidade pelo papel desempenhado socialmente, alferes. Assim é o seu estado psíquico aos vinte e cinco anos. No início do conto o vemos "*entre quarenta e cinqüenta anos*". Como no texto ele não existe entre aquela e esta idade, não cabe colocar a questão de qual seria o Eu de Jacobina já na idade madura, a não ser que escrevêssemos *O Espelho II* preenchendo o hiato dos vinte e cinco até os quarenta ou cinqüenta, o que nem mesmo Guimarães Rosa fez em conto homônimo de *Primeiras Estórias*, semelhante temática e estruturalmente ao de Machado. Noutros escritos haveremos de discorrer sobre tal similaridade, não aqui.

Neste ponto, as protagonistas dos contos de *Laços de Família* de Clarice Lispector esclarecem nossa argumentação. Desencadeada nelas a crise e dado o momento da reestruturação do seus padrões de comportamentos, "fazem a travessia", para lembrarmos dos personagens de Guimarães Rosa, arcando com o ônus da angústia e da náusea da tomada de autoconhecimento. Não retrocedem nem usam lenitivos. Em *O Espelho* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ocorre o contrário, a fuga. Jacobina lembra-se, "*subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo*", de usar a farda, esquivando-se ao mergulho na profundidade de si mesmo, propiciado pelo recolhimento do sítio. Brás Cubas faz o mesmo, desertando-se da velha casa da família onde também recolhera-se durante o luto pela mãe, "*ao cabo de sete dias, estava farto da solidão, a dor aplacara; o espírito já não se contentava com o uso da espingarda e dos livros, nem com a vista do arvoredo e do céu*". O modo como encerra a narrativa do fim do seu retiro, "*Reagia a mocidade, era preciso viver*", pode ser entendido como a vitória final da persona sobre a verdadeira individualidade. Se para a Psicologia Analítica este fenômeno significa desregulação psíquica (JUNG, OC., v. XVI, § 330), desintegração da personalidade do indivíduo, talvez isto ajude a entender o desfecho extremamente negativista do romance, não é à toa que o capítulo chama-se *Das negativas*. De igual modo, há maiores probabilidades de serem psiquicamente enfermos aqueles que recusam-se a olhar no espelho (atitude inicial de Jacobina) ou, olhando, não vêem nada porque **não são** pessoas singulares e sim máscaras ambulantes; todavia, não reconsideram suas posições; antes fardam-se. Ou, para irmos mais uma vez a *Memórias Póstumas*, "*metem no baú o problema da vida e da morte*" (cap. 25), ou seja, viram as costas às suas questões mais vitais e investem toda sua libido nos atrativos da sociabilidade, com toda sua vitrine de máscaras-fardas.

O modo pelo qual o desfecho do conto responde à pergunta "o que é o homem?" assusta e espanta pois, nega ao homem a humanidade, ficando-nos deste "*esboço de uma nova teoria da alma humana*" a idéia de que não somos, antes parecemos ser; ou se somos, somos apenas enquanto outro ente qualquer, não como humano por inteiro. Paradoxalmente, o que deveria ser um discurso acerca da alma humana acaba por mostrá-la inexistente ou pelo menos aparente. Se Freud desalojou o homem do centro da racionalidade e da consciência provando ser o inconsciente o verdadeiro *cogito* cartesiano, Machado em *O Espelho* já fazia o mesmo, deslocando para uma posição de centralidade a alma exterior e dispersando a interior, deixando dividido e incompleto o ser de Jacobina. Tamanha revolução no modo de conceber a alma

humana queima de fato as concepções radicadas nos leitores e naqueles "*quatro ou cinco cavalheiros*" debatedores do início do conto; tanto assim que, terminada a narrativa, demoraram a "*voltar a si*", quando "*o narrador tinha descido as escadas.*"

Desçamos, também nós, as escadas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. I e II

FREUD, Sigmund: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, 2^a ed. v. V, VII e XIV

JUNG, Carl G.: *Obra Completa*. Petrópolis: Vozes, v/a, v. VI, VII, VIII, IX/2, XVI e XVII.